



**FRANCISCO CANINDÉ VICENTE XAVIER**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: conhecer para compreender**

**NATAL-RN**

**2023**

**FRANCISCO CANINDÉ VICENTE XAVIER**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: conhecer para compreender**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - como pré-requisito para a obtenção do título de graduado em Pedagogia.

**Orientadora:** Professora Ms. Adriana Mônica Oliveira

**NATAL-RN  
2023**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

X3e Xavier, Francisco Canindé Vicente.

Educação de jovens e adultos – EJA: conhecer para compreender / Francisco Canindé Vicente Xavier. – Natal, 2023.  
35 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia. Natal, RN, 2023.

Orientadora: Profa. Ms. Adriana Mônica Oliveira.

1. Educação de Jovens e Adultos – Monografia.  
2. Alfabetização – Monografia 3. Letramento – Monografia.  
I. Oliveira, Adriana Mônica. II. Título.

CDD – 370

CDU – 37

**Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925**

### **Índice de catálogo sistemático:**

1. Educação – 370
2. Educação. Ensino. Instrução – 37

**FRANCISCO CANINDÉ VICENTE XAVIER**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: conhecer para compreender**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduado em Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 22/07/2023, pela seguinte Banca Examinadora:

**BANCA EXAMINADORA**



---

Professora Orientadora Mestra Adriana Mônica Oliveira  
FAMEN



---

Professor examinador Esp. Otacílio Marcelino do Nascimento  
FAMEN



---

Professora examinadora Mestra Lúcia Xavier Gonçalves  
FAMEN

**NATAL/RN  
2023**

## **DEDICATÓRIA**

À minha família e familiares, Geocleide, Gerlane, Geilza, pelo alicerce de todos os momentos, em especial, ao meu pai, Pedro Vicente e minha mãe, Maria José, por todo o apoio e incentivo, por serem fontes de toda a minha coragem e determinação. Aos estudantes e trabalhadores que, como eu, diariamente faz parte de uma sociedade exemplar e ao mesmo tempo excludente, tendo que se expor diante dos dominantes para ocupar um espaço que é nosso por direito. Aos jovens e adultos, idosos que interromperam seus estudos e vivem à margem da sociedade, na maioria das vezes se culpam e se envergonham por não serem alfabetizados, e que na sua ingênua concepção não conseguem compreender os vários motivos que os levaram a isso. A eles, o meu maior e profundo respeito e admiração.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu querido DEUS, por ter me proporcionado chegar até aqui.

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial e nunca negou uma palavra de incentivo, em especial aos meus pais, Pedro Vicente Xavier e Maria José Tomaz do Nascimento, por toda dedicação e paciência, contribuindo para que eu pudesse ter um caminho prazeroso durante esses anos na minha trajetória acadêmica.

A todos os meus professores, sempre dispostos a me ajudar, contribuindo para o meu aprendizado, em especial ao professor Especialista Otacílio Marcelino e a orientadora, professora Mestra Adriana Mônica, pelos seus ensinamentos precisos.

A todos os meus amigos e colegas que me ajudaram direta ou indiretamente a concluir este trabalho, em especial minha orientadora, a Professora Mestre Adriana Mônica Oliveira.

Ao Curso de Pedagogia, e às pessoas quem convivi durante esses quatro anos. As experiências compartilhadas com os amigos nos espaços da faculdade e fora deles.

Aqui manifesto a minha gratidão ao meu bom Deus, que me deu forças e energia para realizar o sonho de concluir a minha tão sonhada formação na Graduação em Pedagogia da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

Enfim, sou imensamente grato a todos aqueles que de alguma forma estão próximos de mim, trazendo mais vida à minha vida, fazendo valer cada vez mais o hoje e o sempre.

Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Paulo Freire (2006)

## RESUMO

Discorrer sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, na perspectiva de conhecer essa modalidade de ensino para poder compreendê-la, configura-se numa pesquisa de suma importância ao campo educacional, pois, lamentavelmente ainda há concepções distorcidas sobre a alfabetização de adultos, assim também como a aplicabilidade de metodologias significativas aos alunos. É perceptível que, grande parte da evasão dos alunos se dá, pelo fato de não encontrarem em **de** sala de aula, um espaço acolhedor que instigue o desejo de aprender; por falta de ações pedagógicas que os façam despertar às suas potencialidades latentes. A EJA não é apenas uma modalidade para atender pessoas que não conseguiram concluir ou até mesmo iniciar seus estudos em tempo considerado próprio; mas sim, é uma etapa educacional que merece ser reconhecida e valorizada, por conseguir resgatar a autoconfiança de muitos indivíduos, através da superação dos desafios, no tocante a fragilidade e/ou limitação da aprendizagem. Trazer a EJA para o campo de pesquisa sem falar de Paulo Freire é algo meramente impossível, assim sendo, evidenciamos neste TCC, algumas lições deixadas por esse ícone da alfabetização de adultos. Através da pesquisa bibliográfica, adentramos nas literaturas de autores que vislumbram a Educação de Jovens e Adultos de forma precisa, provocando reflexões em seus leitores, acerca das contribuições teóricas trazemos Leal e Albuquerque (2005), Nogueira (2010), Freire (2018), Beleza e Nogueira (2020), Dantas (2020), entre outros teóricos que através de seus estudos, contribuíram para a efetivação deste trabalho; ademais, evidenciamos as orientações dadas no percurso de todo o semestre. Esperamos que esta pesquisa fomente nos leitores e educadores, o desejo de conhecer o campo histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, para que possam compreender todo o avanço durante anos de lutas em prol de uma educação **para** autônoma e libertadora.

**Palavras -Chave:** EJA; Aprendizagem; Ensino; Conhecimento; Autonomia.

## ABSTRACT

Discussing Youth and Adult Education - EJA, from the perspective of getting to know this teaching modality in order to understand it, is a research of paramount importance to the educational field, since, unfortunately, there are still distorted conceptions about adult literacy, as well as the applicability of significant methodologies to students. It is noticeable that a large part of the dropout of students is due to the fact that they do not find a welcoming space in the classroom that instills the desire to learn; for lack of pedagogical actions that make them awaken to their latent potential. EJA is not just a modality to serve people who were unable to complete or even start their studies in a time considered appropriate; rather, it is an educational stage that deserves to be recognized and valued, as it manages to rescue the self-confidence of many individuals, through overcoming the challenges, regarding the fragility and/or limitation of learning. Bringing EJA to the research field without mentioning Paulo Freire is something merely impossible, therefore, in this TCC, we show some lessons left by this icon of adult literacy. Through bibliographical research, we entered the literature of authors who envision Youth and Adult Education in a precise way, provoking reflections in their readers, about the theoretical contributions we bring Leal and Albuquerque (2005), Nogueira (2010), Freire (2018), Beleza and Nogueira (2020), Dantas (2020), among other theorists who, through their studies, contributed to the realization of this work; in addition, we highlight the guidelines given throughout the semester. We hope that this research encourages readers and educators to desire to know the historical field of Youth and Adult Education in Brazil, so that they can understand all the advances during years of struggles in favor of an autonomous and liberating education.

**Keywords:** EJA; Learning; Teaching; Knowledge; Autonomy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 BREVE CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Paulo Freire e suas lições para a Educação de Jovens e Adultos .....</b>	<b>15</b>
<b>3 TECENDO CONHECIMENTOS SOBRE A EJA .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Da leitura do mundo à leitura da palavra: contraposição à educação bancária ....</b>	<b>22</b>
<b>4 PERFIL DO PROFESSOR DA EJA: concebendo o aluno real.....</b>	<b>25</b>
<b>5 METODOLOGIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, como objeto desta pesquisa, apresenta teor de importância ímpar ao universo educacional brasileiro. Discorrer sobre essa modalidade de ensino, nos reporta aos ensinamentos valorosos deixados por Paulo Freire, que tinha uma visão holística sobre a educação, em específico sobre os processos de alfabetizar jovens e adultos, sem desconectar o ensino das suas realidades.

É imprescindível conhecermos as trajetórias históricas de lutas e de conquistas da EJA, dessa forma, poderemos compreendê-la em sua essência para lhe darmos o valor devido. Pensar na alfabetização de jovens é refletir sobre as concepções freirianas; compreender os alunos egressos é fazer valer o legado de uma educação libertadora e dialógica, deixado através das várias obras de Paulo Freire.

Romper com paradigmas que estagnam a dualidade educacional, o ensino e a aprendizagem; a teoria e a prática, deve ser um objetivo alcançável aos educadores. Não são apenas os conteúdos pré-estabelecidos que garantirão a ascensão dos alunos, mas, a maneira de como eles são expostos, como são entregues aos alunos. A metodologia educacional precisa estar alinhada às histórias de vidas dos alunos; o professor já não é mais o detentor de todo o saber; ele é um mediador entre o saber vivido pelo aluno e o saber sistematizado, ou seja, sua práxis deve ser pautada no contexto e no aluno real.

Os motivos condicionadores para a realização desta pesquisa, dizem respeito a necessidade de conhecermos mais sobre os caminhos percorridos, até a EJA tornar-se uma modalidade de ensino; a desmistificação de que os alunos são pessoas incapazes de superar suas fragilidades educacionais, no tocante às aprendizagens; a importância de, através de diálogos, apresentarmos aos educadores que ainda não acreditam nas práticas educativas voltadas à alfabetização de adultos, as possibilidades de uma educação de qualidade em função de um perfil de educador humanizado. Assim sendo, este trabalho objetiva mostrar que, para compreender as nuances da Educação de Jovens e Adultos, se faz necessário conhecer a sua trajetória de lutas e de conquistas.

Através de pesquisas bibliográficas, trouxemos informações relevantes sobre a EJA, reverberando as valorosas contribuições de Paulo Freire, para tanto, buscamos as contribuições teóricas de Leal e Albuquerque (2005), Nogueira (2010), Freire (2018), Beleza e Nogueira (2020), Dantas (2020), entre outros teóricos que preconizam em seus estudos, a relevância da EJA; além destes, evidenciamos a contribuição advinda da nossa Professora Orientadora, que nos impulsionou ao aprofundamento temático.

Em sua estruturação, este trabalho aborda a cronologia da Educação de Jovens e Adultos, onde descrevemos de forma breve, alguns aspectos da trajetória desafiadora enfrentada pelos defensores dessa educação. Como subtópico, falamos sobre as lições de Paulo Freire **pra para** a Educação de Jovens e Adultos, suas contribuições para a educação de forma geral.

O capítulo três, que trata da tecitura dos conhecimentos sobre a EJA, tenciona apresentar a necessidade de conhecemos a educação de adultos para melhor compreendê-la; seguindo como seção secundária, elucidamos a leitura do mundo e a leitura da palavra como contraposição à educação bancária.

O perfil do professor da EJA é discutido no capítulo quatro, fortalecendo a ideia sobre a importância de o professor focar suas ações no aluno real. As metodologias utilizadas para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso- TCC, são evidenciadas no quinto capítulo; posteriormente apresentamos os resultados e discussão e, finalmente, os registros das referências bibliográficas utilizadas nesta pesquisa.

## 2 BREVE CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Para compreender a Educação de Jovens e Adultos, temos que olhar para o passado, porque alguns dos eventos que lá aconteceram, foram pontos de partida para a realidade que vivemos hoje. No Brasil, desde a época dos jesuítas, negava-se aos adultos analfabetos a oportunidade de aprender, e sob a orientação dos índios, essa educação era voltada principalmente para as crianças, pois eram vistas como a face da separação da cultura pagã e não como adultos. Desde então, cultivam-se preconceitos contra os adultos analfabetos, sejam eles índios, negros ou pobres, independentemente da cor da pele e da raça.

[...] Até fins do Século XIX, as oportunidades de escolarização eram muito restritas, acessíveis quase que somente às elites proprietárias e aos homens livres das vilas e cidades, minoria da população. O primeiro recenseamento nacional brasileiro foi realizado durante o Império, em 1872, e constatou que 82,3% das pessoas com mais de cinco anos de idade eram analfabetas. Essa mesma proporção de analfabetos foi encontrada pelo censo realizado em 1890, após a proclamação da República (UNESCO, 1997, p. 20).

Como retrata a citação acima, a educação de adultos não foi valorizada nesse período. Paiva (2003) mostra que no censo de 1940 mais da metade da população com 18 anos de idade era analfabeta. Esse índice sugeria dois caminhos na intelectualidade para erradicar o analfabetismo: um através da expansão das redes gerais de educação básica, e outro através da criação de programas especiais para adultos, que provavelmente tiveram um impacto mais rápido na resolução do problema do analfabetismo.

O movimento de esquerda marxista na Campanha pela Educação de Jovens e Adultos (CEAA) cresceu em todo o país, demonstrando otimismo pedagógico em relação aos programas comunitários de educação de adultos. Surge também a Campanha Nacional pela Educação do Campo (CNER), que instalou missões nas comunidades e desenvolveu técnicas de ensino de adultos com políticas definitivas em todo o país. Todo esse investimento já tinha visões futurísticas sob o capitalismo (PAIVA, 2003).

A revolução de 1930 foi a referência para a entrada do Brasil no mundo da produção capitalista. A acumulação de capital do período anterior permitiu ao Brasil investir no mercado interno e na produção industrial. A nova realidade do Brasil passou a exigir mão de obra especializada, e para isso era preciso investir em educação. A criação da Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA) e a criação do SIRENA (Sistema Nacional de Rádio Educativa) tentaram educar as pessoas de acordo com suas diretrizes para que houvesse

mão de obra para o crescimento industrial. No governo de Juscelino Kubitschek, a educação é vista como um investimento preliminar necessário para o desenvolvimento de um país industrializado (BELEZA; NOGUEIRA, 2020).

Ao final do ano de 1950 e início de 1960 evidenciou uma mobilização social reivindicatória da educação de adultos. Neste cenário, destaca-se a luta de Paulo Freire em prol de uma educação de qualidade, com ideias reformistas sobre a educação de adultos, pensando na educação pública e uma nova pedagogia, por meio da qual tentaria libertar a classe popular oprimida.

Na década de 1960 havia restrição para votar, uma delas dizia respeito às pessoas analfabetas, as quais não podiam exercer sua cidadania através do voto. Esse fato propulsionou o surgimento de movimentos que lutavam por uma educação para todos, na tentativa de inserir as pessoas que até então não tinham acesso à educação escolar.

Toda essa efervescência deu origem a um novo contexto histórico que habitou nosso país. Emerge um cenário político em que não havia movimento de esquerda no Brasil. Houve silêncio no país quando vivemos uma ditadura militar, que marcou fortemente nossa história social e política e principalmente movimentos populares como o Movimento Popular de Cultura (MPC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A maioria das populações locais e regionais havia desaparecido. O único e grande que sobreviveu foi o MEB (Movimento da Educação Básica), mas houve mudanças em seus conceitos metodológicos. Ao mesmo tempo, surgiu a Cruzada do ABC, movimento evangélico apoiado pelo atual governo, foi lançada para alfabetizar as massas brasileiras (FÁVERO; MOTTA, 2016).

Em 1967 surge a campanha de alfabetização com maior ênfase político-administrativa no Brasil, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual teve início com o golpe militar. O programa visava reduzir as estatísticas de analfabetismo para mostrar à comunidade internacional que o Brasil está eliminando a vergonha nacional. A metodologia e o material didático propostos pelo Mobral assemelhavam-se ao método de Paulo Freire, no sentido de trabalhar também com palavras-chave, retiradas da realidade dos alfabetizados adultos. Esse método seguia os padrões silábicos da língua portuguesa, mas era superficial porque não desenvolvia o conteúdo crítico e problemático das propostas de Paulo Freire. Sua extinção se deu em 1985.

Os estudos de Zanetti (1990) sinalizam que, em 1997 ocorreu a V Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos, promovida pela UNESCO – Organização das Nações Unidas, em Hamburgo/Alemanha. Foi um marco significativo, por estabelecer a EJA como vínculo sustentável e de equidade para a humanidade.

Na década de 1990, o Brasil começou a sofrer uma pressão, por haver tantos analfabetos. Assim, segundo a proposta de Freire, tentavam alfabetizar educadores que não estivessem ligados diretamente ao governo, mas que atuassem em igrejas, sindicatos, ONGs etc. Com base na pesquisa de Fernandes (2002), a alfabetização e cidadania seria um tema importante para os professores da educação formal e informal que compartilham o mesmo pensamento político, ideológico e pedagógico na alfabetização.

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo - criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento de luta pela conquista da cidadania plena (FERNANDES, 2002, p. 39).

A autora aponta que os alunos precisam acessar o mundo da escrita e utilizar esse recurso para si e para o coletivo. Assim, o sujeito pode se preparar na teoria e na prática e compreender que a educação pode fazê-lo enxergar o mundo de forma mais interessante em relação às questões sociais, políticas e econômicas que o preocupam, o que pode facilitar as condições de sua interpretação e atuação neste mundo, de forma independente, crítica e construtiva como um verdadeiro cidadão.

Em 1996 foi aprovada a Lei de Diretrizes e Base 9394/96 (BRASIL, 1996), que, na visão de alguns estudiosos da área, não influenciou como deveria a EJA, por contemplar apenas dois artigos referentes a essa modalidade de ensino, sendo reservada uma pequena seção a educação de adultos, apresentando em seu conteúdo muita flexibilidade.

Em maio de 2000, por meio do Parecer CEB/CNE (BRASIL, 2000) foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, levantando discussões em vários aspectos da EJA. As diretrizes concebem a educação de adultos como uma modalidade da Educação Básica para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, em consonância com a Lei nº 9394/96 – LDB (BRASIL, 1996).

No ano de 2003 é criado o PBA – Programa Brasil Alfabetizado, gerenciado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, propondo a garantia do acesso à educação das pessoas que por algum motivo não frequentaram a escola ou que frequentaram por um período muito curto. Os recursos financeiros eram provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE (HENRIQUES, 2006).

Em seu campo histórico, a EJA sempre teve seus sucessos e desafios, mas, sempre se mantendo em um patamar de lutas com possíveis vitórias, nesse contexto de resiliência, destacamos a imensurável contribuição de Paulo Freire, que, apesar de tantos dissabores, nunca desistiu de colocar a EJA em um campo histórico de superação de desafios. Sempre foi um defensor de uma alfabetização de qualidade, pensada no educando real; sugerindo que as práticas pedagógicas não fossem desvinculadas da vida de cada educando. Por fim, é pertinente destacar que a EJA continua resistindo aos dissabores que tentam negar sua identidade educacional.

## **2.1 Paulo Freire e suas lições para a Educação de Jovens e Adultos**

Paulo Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife, no bairro de Casa Amarela. Seu pai chamava-se Joaquim Temístocles Freire, era natural do Rio Grande do Norte, oficial da Polícia Militar de Pernambuco, sua religião era a espírita. Sua mãe chamava-se Edeltrudes Neves Freire, natural de Pernambuco, sua religião era o catolicismo e Paulo Freire também se reconhecia como católico.

A educação no Brasil sempre foi pensada para atender aos interesses da elite e o processo de escolas técnicas que preparam jovens e adultos para uma possível inserção no mercado de trabalho, independentemente das outras necessidades do sujeito.

A partir da década de 1960, novas propostas foram pensadas para a alfabetização de jovens e adultos. Paulo Freire se destaca com seu método de alfabetização que teve início **no em** Recife-PE e se espalhou pelo Brasil e outros países, tendo como objetivo fundamental, o despertar da consciência dos sujeitos. Ele acreditava que, quanto mais nos conscientizarmos, mais qualificados nos tornamos como denunciantes por meio do nosso compromisso com a mudança. Reconhecer a si e a realidade que nos rodeia é o principal ponto de partida para a tomada de consciência (VASCONCELOS, 2014).

A visão de uma educação libertadora sempre foi presente na vida de Paulo Freire; sua concepção educativa estava mais além do que o tempo vivido. Suas críticas aos professores considerados detentores do saber sempre foram fortes; suas lutas em prol de uma alfabetização de adultos pautada na equidade, fortalecem a certeza de que a EJA é uma modalidade de ensino que precisa ser posta em um patamar mais alto de valorização.

Como falar em alfabetização de jovens adultos sem destacar o legado freiriano? Antes de elaborar seus métodos de alfabetização, Paulo Freire teve experiências em alfabetizar adultos, assim também como vivenciou contextos de mobilizações populares na Região Nordeste.

Em Recife, no ano de 1960 foi criado o Movimento da Cultura Popular - MCP, tendo como um dos idealizadores Germano Coelho e Paulo Freire um dos membros apoiadores mais atuante. Esse movimento de lutas, objetivava conscientizar sobre a alfabetização. Os Círculos de Cultura – CCs, primavam por espaços populares dialógicos, na tentativa de disseminar os ideais do MCP, cuja proposta para a alfabetização cidadã de adultos era fortemente evidenciada (GADOTTI, 2013).

A paixão pelo ato de alfabetizar pensando no aluno real, fazia com que Paulo Freire não pensasse em desistir das suas lutas. Foi muito injustiçado no período da Ditadura Militar, mas, todas as adversidades fortaleciam o seu desejo de vitória. Alfabetizar, na perspectiva da solidariedade humana, da democracia, da amorosidade.

Esta vem sendo uma preocupação que me tem tomado todo, sempre – a de me entregar a uma prática educativa e a uma reflexão pedagógica fundadas ambas no sonho por um mundo menos malvado, menos feio, menos autoritário, mais democrático, mais humano (FREIRE, 2018, p. 24).

Os alunos da EJA devem ser protagonistas das suas aprendizagens; na prática pedagógica o professor deve fazer uso de uma linguagem compreensível e significativa. O diálogo é a base para que a relação professor e aluno possa criar um vínculo de confiabilidade. Para que essa situação seja possível, o professor deve conhecer o contexto histórico dos seus alunos, compreender suas fragilidades e direcionar o seu ensino a partir do que ouviu, do que sentiu dos seus alunos.

A contribuição de Paulo Freire para a educação brasileira, em especial para a educação de jovens, ultrapassa a elaboração de métodos alfabetizadores, pois, seus posicionamentos pedagógicos nos conduz à criticidade, à conscientização de que há reciprocidade entre o ensinar e o aprender. Seu pensamento educativo é fundamentado nos princípios da libertação, da autonomia, sendo o ser humano pensado como capaz de intervir politicamente no cenário da igualdade social.

A pedagogia libertadora é definida por dois momentos. No primeiro há a descoberta do mundo opressor, o qual é doloroso traz medos, e, ao descobrir, o oprimido compromete-se em transformá-lo; no segundo momento, “A pedagogia deixa de ser do oprimido e passa ser

de homens e mulheres em processo de libertação, de desalienação, vivendo um processo permanente de luta contra a desigualdade social” (DANTAS *et al.*, 2020, p. 82).

Outro ponto que Paulo Freire evidencia em suas literaturas, para que os alunos da EJA tenham a garantia de aulas significativas, com aspectos metodológicos atraentes e pertinentes ao seu contexto de vida, diz respeito à formação dos professores. Não uma formação com práticas desconexas, mas, com debates, propostas e práticas possíveis de fazerem parte de um cenário educacional tão fragilizado em vários aspectos.

Existe um desejo dos professores da EJA por formação, um espaço de formação que contribua para ressignificar a sua identidade profissional e ao mesmo tempo possibilita associar teoria e prática, sendo essencial para o processo de aprendizagem, bem como proporciona ao professor a participação/troca em/de experiências reais do cotidiano em seu contexto social (PAZ, 2015, p. 10).

Paz (2015) corroborando com o pensamento de Freire (2018), cita a ressignificação da prática docente, perante a qual, o professor buscará fazer a junção entre teoria e prática, visando êxito nos processos de ensino e de aprendizagem, rompendo com ideais limitadores das potencialidades dos alunos. Nessa ressignificação profissional, surge a necessidade do diálogo, fator que trará os educando para mais perto do educador. Na concepção freiriana, o diálogo representa a capacidade de conhecer o outro, por isto consiste num ato cognoscitivo.

A educação dialógica e/ou libertadora condiciona mudanças nos espaços escolares em caráter imediatista, mas, não como mudanças sociais globais; no entanto, essas mudanças imediatas podem, paulatinamente, ser instrumentos de amplas transformações.

Destacamos com veemência, a relevante contribuição de Paulo Freire para o avanço da EJA no Brasil. Atualmente sua história ainda é vivida por muitos; esquecida por poucos. Precisamos adentrar no campo histórico dessa modalidade de ensino, para que possamos compreender suas características educacionais. Estudar sobre Paulo Freire é buscar conhecer o mundo desafiador da Educação de Jovens e Adultos.

### 3 TECENDO CONHECIMENTOS SOBRE A EJA

O homem não pode ser estudado e compreendido isoladamente, pois é um ser que tem suas histórias tanto individuais quanto grupais. Por ser histórico, é imprescindível compreendê-lo em cada momento das suas experiências de vida; em suas relações estabelecidas com seu meio. Concebemos o homem enquanto um ser social, nas interações com o outro e nos diversos segmentos da sociedade.

O homem produz a vida e tem inferência sobre o ambiente que o circunda, numa ação intencional e planejada, age na natureza e, por meio do seu trabalho, a transforma, na intenção de atender suas necessidades. Esse processo de transformação é dinâmico e se dá em cada momento histórico. Essa participação ativa se torna possível, devido a organização política e social e à conquista da autonomia humana, que viabiliza à criticidade sobre sua realidade, sobre a realidade do outro (FREIRE, 2003).

Sendo transformado pelo meio e ao mesmo tempo agente de transformação através das suas experiências, os alunos egressos da EJA, interagindo com outras pessoas no âmbito escolar, retrata os seus saberes e a eles, agrega outros saberes advindos do outro, com histórias de vida semelhante e/ou diferenciada, e essa dinâmica podemos chamar de produção do conhecimento contextualizado, experimentado, vivido, e, posteriormente transformado em aprendizagens.

É na relação comunicacional, que o ser humano aprende e ensina, se constrói enquanto sujeito e adquire autonomia e valores essenciais para o convívio social tais como, respeito mútuo, solidariedade e afetividade. “A existência humana não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo” Freire, (1987, p.77).

O cerne do processo educacional é o aluno e a sua formação como cidadão de direitos universais, diante disto, a essência do trabalho pedagógico é instrumentalizar ações que viabilizem a consciência do respeito sobre a diversidade cultural, ética, religiosa e étnica. No contexto da educação de jovens.

A compreensão da educação passa pela compreensão da natureza humana, e os estudos de Paro (2013), definem a educação como apropriações de cultura humanas e a sua evolução na educação social. Os conhecimentos dos alunos, suas expectativas e necessidades diversas, são essenciais para que no espaço escolar seja promotor de novas aprendizagens, partindo dos pressupostos do senso comum.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino da Educação Básica, contudo, antes de ser inserida como modalidade, apresentou em seu percurso histórico, um cenário de lutas em prol da equidade no ensino brasileiro para a alfabetização de jovens. Uma educação sempre vista em fragmentos; como complemento de programas educacionais. Muitas visões distorcidas partem também das questões formativas dos professores, ou seja, as políticas educacionais falham quando não exigem uma especificidade docente para atuar na EJA (PAIVA, 2003).

A educação de adultos é bastante complexa, pelo fato de ainda não ter sua configuração bem estruturada nos aspectos pedagógicos, formativos e políticos, mesmo sendo legalizada por documentos norteadores e ter tido um avanço significativo ao longo da história, a teoria ainda se distancia da prática. Através da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, Lei de nº 9394/96, em seu artigo 32, são apresentadas as exigências da EJA para o Ensino fundamental e o Ensino Médio, objetivando a formação básica do cidadão.

I. o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II. a compreensão do ambiente natural e social [...] III. o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem [...] IV. o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social [...] para o Ensino Médio [...] I. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental [...] II. A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação [...] III. O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico [...] (BRASIL, 1996, p. 23).

A capacidade de aprender tem como garantia a aquisição básica da leitura, da escrita e do cálculo matemático; o desenvolvimento das aprendizagens está atrelado aos estímulos pedagógicos possíveis de despertarem nos alunos uma explosão de possibilidades. Sabemos do que está preconizado nessa tão valorosa Lei que contempla a EJA como modalidade de ensino, portanto, também sabemos que, na prática, muito falta para que seus preceitos sejam efetivados.

A educação é indispensável ao ser humano, é perceptível a fragilidade de se colocar em prática as políticas direcionadas à educação, principalmente na EJA. As escolas públicas não têm materiais suficientes para que as aulas ganhem mais vida; alguns professores e gestores têm a visão distorcida sobre o que seja alfabetizar jovens e adultos. A realidade dos alunos da EJA é simbolizada por evasão, falta de estímulos.

No que diz respeito às exigências para a formação de docentes na EJA, são as mesmas dos níveis de ensino básico. Por efeito da Resolução nº 1, de 5 de julho de 2000, do Conselho Nacional de Educação – CNE, em seu art. 17, a formação inicial e continuada de profissionais para a educação de adultos terá como referências as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores.

Como cumprimento das exigências documentadas, o ambiente escolar deve ter organização adequada pedagogicamente; realização de diagnóstico sobre as dificuldades dos alunos, para posteriormente oferecer soluções socialmente contextualizadas; as práticas educativas devem ter a junção teórico/prática e as metodologias aplicadas devem contemplar linguagens que façam parte do cotidiano, tencionando se efetivar o processo de aprendizagem (RASIL, 2000).

O conhecimento na ação, ou o conhecimento tácito, seria aquele constituído na prática cotidiana do exercício profissional. Concebemos que esse é um saber que se constrói com base nos conhecimentos prévios de formação inicial, articulado com os saberes gerados na prática cotidiana, de forma assistemática e muitas vezes sem tomada de consciência acerca dos modos de construção. Para um projeto de formação numa base reflexiva, torna-se fundamental conhecer e valorizar esses conhecimentos que são constituídos pelos professores, seja através de uma reflexão teórica, seja através desses processos eminentemente assistemáticos (LEAL, 2005, p.114).

O conhecimento sobre a realidade dos alunos é um ponto de extrema importância para uma prática docente de qualidade e humanizada; iniciar a aplicação dos conteúdos curriculares, partindo do que os discentes sabem, faz despertar o interesse dos alunos pelo aprender algo novo. Refletir sobre suas práticas e sobre os resultados obtidos, constitui uma ação condicionadora às aprendizagens significativas dos alunos.

Para Moll (2004, p. 17) “Fazer-se professor de adultos implica disposição para aproximações [...] entre saberes constituídos e legitimados no campo das ciências [...] e saberes vivenciais que podem ser legitimados no reencontro com o espaço escolar.” Corroborando com esse pensamento do ensino pautado no contexto real do aluno, Freire (1980 p. 33-34) reitera: “Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor, dito: a quem queremos ajudar a educar-se).”

Os diálogos sobre a Educação de Jovens e Adultos são infindos, visto ser uma modalidade de ensino marcada por uma história de lutas; uma história que jamais poderá ser esquecida pelos brasileiros, pois, diante dessas batalhas, ocorreram muitas vitórias. Na verdade, a EJA ainda precisa conquistar um espaço maior de credibilidade no cenário da educação do Brasil, pois ainda há muitas pessoas que não valorizam o quanto deveriam, o ensino voltado à alfabetização de adultos.

Freire (1980), sempre com seu pensamento educacional prospecto; sempre evidenciando a necessidade da não fragmentação da teoria com a prática, propôs cinco fases para a alfabetização de adultos. A primeira consiste na descoberta vocabular do aluno, uma fase diagnóstica, o reconhecer do professor diante do que os educandos conhecem, para que possam iniciar o processo dentro de um contexto real.

A segunda fase diz respeito aos critérios seletivos das palavras apresentadas na fase anterior, considerando sua riqueza e suas dificuldades fonéticas; na terceira fase emergem situações existenciais peculiares do grupo de alunos; há mais complexidade, as situações são mais desafiadoras, recheadas de novos elementos, para tanto, nessa fase a intervenção do educador será indispensável.

A elaboração de fichas é uma ação da quarta fase. As fichas servirão de apoio, não sendo obrigatório seu uso; por fim, a quinta fase, as fichas já são compostas com as famílias fonéticas referentes às palavras geradoras pertinentes ao contexto dos alunos, as fichas podem ser preparadas no formato de cartazes ou de slides. A aplicabilidade dessa metodologia para a alfabetização de adultos, proposta por Paulo Freire, foi considerada como um avanço no âmbito educativo da época, rompendo o estigma do uso das cartilhas que eram adaptadas para as crianças. O olhar de Paulo Freire sobre a educação sempre atingiu o considerado inatingível.

Não se trata de negar o acesso à cultura geral elaborada. Trata-se de não desprezar e, sobretudo, não matar a cultura primeira do aluno. Trata-se de incorporar uma abordagem do ensino-aprendizagem que se baseia em valores e crenças democráticas [...] Por isso, a filosofia primeira na qual o educador de jovens e adultos precisa ser formado, é a filosofia do diálogo [...] Podemos assim considerar a pedagogia dialógica de Paulo Freire como sendo indispensável na educação de jovens e adultos (NOGUEIRA, 2010, p. 28).

De acordo com Nogueira (2010), as metodologias idealizadas e também aplicadas por Paulo Freire, aceleravam o processo de alfabetização dos adultos. Conhecer a realidade dos educandos, era ação que precedia as atividades alfabetizadoras, nesse contexto, o ensino não pode ser desvinculado das histórias de vida de quem aprende.

### 3.1 Da leitura do mundo à leitura da palavra: contraposição à educação bancária

O acesso ao mundo da leitura e da escrita tornou-se fundamental na vida profissional, pois a educação é um direito garantido pela constituição do nosso país, mas poucos brasileiros conseguem se alfabetizar, que apesar de tão importante, é um meio necessário de vida. Segundo o censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002), a taxa de analfabetismo diminuiu. No entanto, pela inexistência ou falta de políticas públicas nessa área, o país ainda possui o maior número absoluto de analfabetos das Américas. Alguns professores concebem a alfabetização como uma habilidade utilizada apenas na leitura e na escrita, mas, ambas são atividades intelectuais nas quais a percepção é guiada pela busca de significado. Portanto, é muito mais do que transcrever e decodificar letras e sons.

Soares (2006) entende a alfabetização como o processo de aquisição de tecnologia, como escrever o alfabeto e as habilidades para usá-lo na leitura e na escrita. Para Tfouni (2015) alfabetização significa a aquisição da leitura, da escrita e das práticas de linguagem. Ocorre através do ensino da educação formal. A relação entre escrita e oralidade é uma relação interdependente, ou seja, esses dois sistemas de representação da aprendizagem precisam caminhar lado a lado.

Nessa mesma perspectiva, Freire (2001) aponta que precisamos ler o mundo antes de aprendermos a ler as palavras. Isso significa que os alunos podem ler, escrever, contar e mergulhar no mundo literário a partir de suas próprias experiências, o que facilita muito o processo de leitura e escrita. A educação bancária restringe as possibilidades de aprendizagem, e foi caracterizada por dez termos, encontrados na obra de Freire (1987, p. 34)

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve a sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos nesta escolha, acomodam-se a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional [...] se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

A educação bancária se contrapõe à essência da educação que perpassa pela história dos sujeitos, fazendo com que se tornem conscientes da sua responsabilidade social e agentes transformadores e críticos. Para romper com esse tipo de educação que engessa as potencialidades dos alunos, o ensino precisa contemplar as dimensões humanas tais como o *logos* (razão), o *eros* (corporeidade), o *pathos* (sentimento) e o *mythos* (espiritualidade) (COSTA, 2016).



Visão de educação bancária  
FONTE: Google imagens 2023

A abordagem construtivista e a concepção freiriana de ensino, são opositoras da concepção bancária, pois partem do pressuposto de o aluno trazer em suas experiências conhecimentos do mundo, os quais são aproveitados para que o conhecimento da palavra seja introduzido no espaço escolar; as experiências e/ou conhecimentos anteriores serão agregados aos conhecimentos que estão por vir.

Freire (2001) é enfático quando critica o pensamento linear sobre o processo de leitura como mera decodificação de símbolos; a valorização das experiências de vida do outro configura-se em aprendizagem, nesse contexto, a leitura de mundo se sobrepõe a leitura das palavras.

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes ‘leiam’, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas (FREIRE, 2001, p.12).

Apenas professores que trazem consigo o abusivo autoritarismo, negam a compreensão do outro, o ato de cuidar e o ato de também aprender enquanto ensina. O educador, no papel daquele que sabe, precisam inicialmente reconhecer e fomentar nos educandos o desejo de descobertas do novo, para somar aos seus conhecimentos, estes, por sua vez, não são estáticos, prontos, conclusos. Através da prática dialógica, professores e alunos tendem a evoluir os seus saberes, os quais não são unilaterais.

Desde o começo, na prática democrática e crítica, leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador (FREIRE, 2001, p.18).

Corroborando com Freire (2001), os estudos de Kleiman (2015) também considera relevante o conhecimento do aluno como elemento facilitador para se ler um texto. Na visão da autora, o conhecimento prévio é aquele que o indivíduo adquiriu ao longo da sua vida, e é constituído pelos conhecimentos textual, linguístico e de mundo. Esse conhecimento abordado pela autora ora citada, é o que Paulo Freire denomina de leitura de mundo.

Entendemos que os alunos da EJA são capazes de realizar atividades grandiosas desde que sejam devidamente orientados e estimulados em suas habilidades. São pessoas que carregam bagagem de conhecimentos, que precisam ser apenas lapidados e acrescidos de outros que lhes foram negados ao longo de sua trajetória de vida, quando é necessário apoiar o aluno alfabetizado em seus medos e dificuldades.

No ambiente escolar a leitura é um objeto de ensino, sobretudo, para passar a ser aprendizagem é preciso que tenha significado sob o ponto de vista dos alunos, cumprindo sua verdadeira função, tendo como premissa o que o conhece e valoriza, assim sendo, para ser de fato um objeto de ensino, a leitura não deve ser desvinculada da prática social e nem dos seus vários usos cotidianos. Na assertiva de que, principalmente na EJA a leitura de mundo dos educandos seja evidenciada, o legado de Paulo Freire torna-se presente. Educar de/pela/para a vida; educar pela leitura de mundo, para a que a leitura da palavras tenham significados. Esta é uma das mais desafiadoras missões dos educandos.

#### **4 PERFIL DO PROFESSOR DA EJA: concebendo o aluno real**

O trabalho pedagógico com os alunos da educação de adultos extrapola a organização escolar pré definida pois, além de um compromisso ético, a ação docente deve ser virtuosa, dinâmica, humanizada e ter como instrumentos iniciais, o contexto social, a realidade de cada um egresso nessa modalidade de ensino. O ambiente precisa ser harmonioso, acolhedor, não infantilizado; o professor deve, a priori, estabelecer o vínculo de confiabilidade.

Muitos professores que trabalham nas escolas não percebem a importante dimensão de seu papel na vida dos alunos. Nesse sentido, é válido ressaltar sobre a importância do olhar dos professores na alfabetização de adultos e o entendimento que deve ter em relação a esse assunto. Portanto, não é possível oferecer uma educação adequada em uma escola que atenda às necessidades dos alunos sem a contribuição ativa do professor no processo educacional.

No entanto, quando se aborda o caráter de alguns professores, percebe-se que muitos acreditam, com base no senso comum, que ser professor é absorver o conteúdo e apresentá-lo aos alunos em sala de aula, sem significados, apenas cumprindo as exigências curriculares.

Mudar essa realidade se torna uma necessidade para que a escola exerça sua função social, adotando práticas que fomentem nos alunos expectativas de aprendizagem; que surja uma nova relação entre professores e alunos. Portanto, deve-se entender que a tarefa de ensinar tem um papel social e político insubstituível e, embora muitos fatores não afetem esse entendimento, o professor deve ter seu próprio olhar crítico e sensível para com os alunos.

Segundo Pimenta (2005), o conceito de professor reflexivo precisa ser aprofundado, pois parece que o termo se tornou uma palavra da moda e não um objetivo de transformação, pelo fato de não ser posto em prática as teorias aplicadas nas formações. Mas, apenas refletir sobre a prática, mudará a práxis do professor?

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO; PIMENTA, 2005, p. 76).

Assim, pensar a formação de professores é pensar na inconclusão humana. Estudos e pesquisas teóricas são importantes na medida em possibilitem aos professores, analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais da escola e dos que dela fazem parte.

A interação social e a preocupação com os outros são essenciais em qualquer aprendizado humano. Na escola, pode-se dizer que a comunicação professor-aluno é essencial para o sucesso do ensino e aprendizagem.

De acordo com as abordagens de Freire (2005), uma apresentação ampla do tema dado e o diálogo são fortemente valorizados como ferramentas que o professor apresente uma prática pedagógica norteada pela humanização, cedendo espaços para que os alunos participem ativamente das discussões. É papel do professor, provocar os alunos para a livre expressão, para a criticidade, para o respeito e para a autonomia. O diálogo é imprescindível para que os processos de ensino e de aprendizagem caminhem lado a lado, com significados; que o desejo de ensinar desperte o desejo de aprender.

[...]o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como atitude necessária em sua aula, mais ele terá sucesso com os alunos, pois assim eles sentirão curiosidade e se mobilizarão para mudar a realidade. Quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de informações, mas como um mediador que pode articular as experiências de mundo dos alunos, orientá-los a refletir sobre seu meio e assumir um papel mais humano. em suas práticas de ensino.

O papel do professor na alfabetização de adultos é de extrema importância, pois ele é o liame entre aprendizagem e o aluno. A qualidade da mediação do professor certamente é muito importante para o aluno, pois desse processo dependem o seu progresso e as suas conquistas na educação escolar. Quando imaginamos uma escola baseada em um processo interativo, não nos referimos a um lugar onde cada um faz o que quer, mas um espaço de estrutura, valor e respeito, onde todos se sentem mobilizados para pensar juntos.

De acordo com Barcelos (2018), as emoções devem ser inseridas nas práticas educativas, considerando as peculiaridades dos indivíduos envolvidos nos processos educativos, dessa forma, devem ser contemplados nas aulas, temas que gerem interesses ao público atendido pela EJA; temas que não fujam do seu conhecimento de mundo, posteriormente, outras temáticas poderão ser inseridas, contudo, ter como ponto de partida o que é conhecido pelo aluno, causa um impacto mais positivo, no tocante às expectativas de aprendizagem.

O perfil do professor da EJA é aquele que concebe o aluno em sua totalidade humana, considerando seus aspectos emocionais, linguísticos, afetivos, psicomotores, cognitivos, psicológicos, enfim, um professor que tenha sua prática norteadada pela sensibilização humana, transformando as fragilidades e as limitações dos seus alunos, em caminhos de possibilidades de desenvolvimento. Assim sendo, seu planejamento não deve ser vago, composto apenas de conteúdos que muitas vezes tolhem as expectativas dos alunos em relação ao desenvolvimento da aprendizagem escolar.

A escuta é outro fator relevante para o cotidiano pedagógico do professor; desse modo, em suas aulas devem ter para momentos de escuta; o professor, após criar um vínculo de confiança, levantará questionamentos para que os alunos respondam livremente sobre as temáticas expostas. Não deve haver insistência para que todos respondam; ressaltando que deve se ter cautela sobre o que se deseja explorar em sala de aula, por isso, é imprescindível que o professor faça um diagnóstico inicial da sua turma, para que possa conduzir suas ações docentes de forma segura, sem constranger os alunos.

Organizar as atividades cotidianas para os educandos da EJA mediante o conhecimento de suas vivências, de suas experiências de vida é sem sombra de dúvida um legado freiriano na postura do professor e professora que param para observar o seu contexto de atuação educativa, tendo a real preocupação de atender os seus estudantes em suas especificidades (MACIEL, 2020, p. 11).

A concepção freiriana também enfatiza sobre os cuidados que os educadores devem ter, no que concerne à organização do seu trabalho pedagógico, este deve refletir na vida dos educandos de forma positiva. Essa organização deve contemplar o exercício pela prática da liberdade de expressão, pela busca da autonomia que possibilite aos sujeitos expressarem seus pensamentos de forma segura; deve ser regida por propostas humanizadas, trazendo os alunos como protagonistas dos processos educativos.

## 5 METODOLOGIAS

Os procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa dizem respeito às pesquisas bibliográfica e a qualitativa, as quais viabilizaram o aprofundamento temático sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Através dos fundamentos teóricos de autores renomados que trouxeram contribuições significativas para este objeto de pesquisa, conseguimos explorar as várias nuances pertencentes ao cenário da EJA.

A abordagem qualitativa considera que [...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA E MENEZES, 2005, p. 20).

No campo educacional, a abordagem qualitativa é aplicada em pesquisas que objetivam elucidar a lógica norteadora da prática social no contexto real “[...] pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2015, p. 21).

Para Flick (2007), a pesquisa qualitativa tem como cerne a construção de explicações dos acontecimentos e fenômenos sociais, ou seja, busca a compreensão do mundo em que vivemos e ao entendimento de perceber as coisas em suas peculiaridades.

De acordo com os estudos de Brandão (2001),

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (BRANDÃO, 2001, p.13).

A pesquisa qualitativa, segundo Knechtel (2014), contempla a aquisição de dados descritivos a partir de uma investigação de caráter crítico ou interpretativo, estudando as relações interpessoais efetivadas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade sobre dado fenômeno, objetivando a decodificação e a tradução da representação dos acontecimentos e dos fatos.

Sobre a Pesquisa bibliográfica, GIL (2008) enfatiza que se enquadra nos procedimentos técnicos, a qual é realizada através da consulta de materiais tais como livros e artigos científicos. O autor não orienta a utilização de trabalhos originados da internet.

A pesquisa bibliográfica, segundo os estudos de Andrade (2013), é um procedimento metodológico indispensável nos cursos de graduação, por se constituir como passo inicial às atividades acadêmicas.

Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Embasada em fundamentos teórico-metodológicos, esta pesquisa teve seu aprofundamento de forma consistente, diante das contribuições dos estudiosos que elucidam sobre o objeto de pesquisa abordado neste trabalho, o qual pretende esclarecer sobre a necessidade de os educadores conhecerem mais sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Propostas Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, trazem funções específicas que devem ser exercidas por essa modalidade de ensino. A primeira função apresentada é a reparadora, direcionada aos alunos da EJA, priorizando uma escola de qualidade e com equidade, garantindo os direitos civis dos educandos; a função equalizadora enfatiza que o respeito e igualdade de oportunidades devem parte da vida dos educandos tanto na vida social quanto em seu campo de trabalho; por último, destaca a função qualificadora, esta tem o papel de assegurar a continuidade dos estudos dos egressos na EJA, respeitando suas limitações e promover ações que potencializem o desenvolvimento dos sujeitos (BRASIL, 2002).

Sabemos dos desafios, das lutas; percebemos, ao longo da trajetória da alfabetização de adultos que houve um avanço significativo, contudo, não devemos nos dar como plenamente satisfeitos, pois, atualmente ainda existe algumas fragilidades, quer sejam políticas, quer sejam pedagógicas, quer **se** sejam estruturais, as quais impedem a plena desenvoltura da educação de jovens no Brasil.

Freire (2005, p. 92) nos lembra que “Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.” Este legado inspirador foi deixado para que os envolvidos na educação e alfabetização de adultos, tenham como premissa que educar é um ato humano de amor; é uma ação que exige a consciência da inconclusão do ser humano**s**, e, por isto, os educadores devem conceber os alunos não apenas em seu aspecto cognitivo, mas sim, em sua plenitude humana.

A beleza do mundo real também é destaque na literatura de Freire (2012), beleza esta acentuada pelas diversidades, pelas adversidades, mas que retratam o mundo dos humanos, modificado pelos próprios humanos. No contexto educacional dos jovens e adultos, os estímulos para que os educandos consigam decifrar os seus mundos devem ser constantes, pois, através das suas compreensões, poderão evocar seus pontos de vista e analisá-los de forma crítica, ponderando o que deve continuar e o que deve ser extinto das suas vidas.

Esta pesquisa de fato, é uma condicionadora à reflexão sobre a EJA de forma sensata, sem criações de rótulos; busca portanto, a conscientização dos professores alfabetizadores sobre as suas práticas pedagógicas, no tocante ao enxergar os alunos em sua globalidade humana; ao aplicar conteúdos a partir de uma realidade local. O professor, em sua docência, deve ir em busca de promover ações que rompam com determinados paradigmas que não permitem que os alunos sejam protagonistas das suas próprias histórias.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a Educação de Jovens e Adultos para um campo de pesquisa é mostrar aos leitores a grandiosidade dessa modalidade de ensino. Pensar no aluno real, promover momentos de socialização para trocas de experiências de vida; refletir sobre o perfil do professor; compreender que a aprendizagem se efetiva através dos conhecimentos trazidos pelos alunos; priorizar um planejamento contextualizado, são objetivos que devem nortear o cenário educacional dos jovens e dos adultos, que, por motivos maiores, não tiveram a oportunidade de concluírem ou mesmo de iniciarem seus estudos em tempo hábil.

A escola precisa ter excelência nos serviços prestados ao público da EJA, deve fazer jus ao seu papel social, ter em seu espaço, recursos que possibilitem aos professores, dinamizarem suas aulas, fugindo dos padrões pedagógico tradicionalistas, os quais são responsáveis por grande parte da evasão dos alunos. Paralelo à organização escolar, vem a importância da atuação dos educadores, que deve ter como proposta, fazer os alunos desejarem estar na escola para sistematizarem seus conhecimentos, para isto, se faz necessário o professor ter o desejo de ensinar.

Ensinar exige uma visão holística por parte do educador; exige consciência sobre o inacabamento humano; exige amorosidade pela docência; ensinar é muito mais do que lançar conteúdos programáticos em sala de aula, é, ouvir o que os alunos têm a dizer; é falar-lhes o que eles precisam ouvir, no entanto, essas exigências precisam ser estruturadas dentro de um contexto humanitário, sem autoritarismo, sem submissões. Ensinar é uma prática libertadora possível, quando os envolvidos no processo educacional permitem o reconhecimento de suas fragilidades, e assim, se sensibilizam para compreender o outro.

Lamentavelmente ainda há muitos rótulos negativos em função da EJA, provavelmente por falta de conhecimento da sua trajetória desafiadora ao longo da história. Acreditamos ser de suma importância que o educadores, independentemente da modalidade que ensinam, atentem para compreenderem a educação e a alfabetização de jovens, e, os que fazem parte dessa história, procurem, a cada dia, aperfeiçoar sua prática pedagógica não apenas no sentido da aplicabilidade dos conteúdos, mas, no sentido amplo do que seja ensinar na perspectiva de despertar as potencialidades até então latentes, nos alunos.

Através das informações oriundas deste trabalho de pesquisa, pretendemos provocar nos leitores o desejo de conhecer mais sobre a Educação de Jovens e Adultos; os seus desafios; as suas possibilidades de transformação e formação humana, na tentativa de romper com o mito de que a EJA é uma modalidade de ensino que serve apenas para mascarar uma educação de pessoas marcadas pelo fracasso escolar.

No papel de educadores, precisamos fortalecer o ensino voltado à educação e à alfabetização de adultos; precisamos analisar as propostas apresentadas em seus documentos norteadores, para que possamos exercer o nosso papel político, no que diz respeito a reivindicar os direitos estabelecidos e não cumpridos. Calar diante de uma situação que pode ser melhorada é negar a si mesmo; é negar aos alunos o seu direito de ter um ensino de qualidade, uma escola de qualidade .

Diante das considerações sobre a modalidade de ensino EJA, fortalecemos a certeza de que a tecitura de saberes é imprescindível ao avanço da sua qualidade. O professor não é e nunca será o detentor de todo o saber, mas sim, um liame entre os alunos e as suas possibilidades de aprendizagens. Que possamos pensar e fazer do ensino de joven e adultos, uma perspectiva de vida, um sonho realizável, e para que isto seja possível, é imprescindível conhecermos sua história para podermos compreender a sua essência formadora e transformadora.

## REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdelino. **Educação de jovens e adultos: currículo e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2018.

BASTOS, Eliana Nunes Maciel. **Prática humanística no cotidiano da EJA**. Curitiba: INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFP, 2020.

BELEZA, Janderlane Oliveira; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite. **Contexto Histórico da Educação de jovens e adultos no Brasil**. Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH, v. 4, n. 2, jul-dez, p. 107-126. Amazonas, 2020.

BRANDÃO, Zaia. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa n. 113, p. 153-165. São Paulo/SP, jul. 2001

BRASIL. LDB - **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília/DF, 1996.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB Nº 1 de 5 de julho de 2000**. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Brasília/DF, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**. Brasília, 2002.

COSTA, Antonio C. G. da. **Pedagogia da presença: da solidão ao encontro**. 10. ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2016.

DANTAS, Tânia Regina [et al.]. **Paulo Freire em diálogo com a Educação de Jovens e Adultos**. Salvador : EDUFBA, 2020.

FÁVERO, Osmar; MOTTA, Elisa (Orgs.). **Educação popular e educação de jovens e adultos**. 1. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

FERNANDES, Dengival Gonçalves. **Alfabetização de jovens e adultos: pontos críticos e desafios**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, MOACIR. **Revista de Informação do Semiárido – RISA.** v. 1 n.1p. 47-67. jan./jun. 2013. Edição Especial. Angicos/RN, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENRIQUES, Ricardo. **Alfabetização e Inclusão Social:** contexto e desafios do Programa Brasil Alfabetizado. Brasília: MEC/UNESCO, 2006. Cap. 1, p.13-59.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo Brasileiro de 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor:** aspectos cognitivos da Leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2015.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação:** uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Desafios da educação de Jovens e Adultos:** construindo práticas de alfabetização. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação dos profissionais da educação:** visão crítica e perspectivas de mudança. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOLL, Jaqueline (org.) **Educação de Jovens e adultos.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

NOGUEIRA, A. H. S. **O Tratamento dado aos Conhecimentos Prévios dos Estudantes da Educação de Jovens e Adultos na Resolução de Problemas:** Concepções e práticas dos professores. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) 192p. – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

PAIVA, Vanilda P. **História da educação popular no Brasil:** educação popular e educação de adultos. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação escolar:** reiniciar à educação. São Paulo: Xamã 2013.

PAZ, J. da S. **Formação para os educadores da educação de jovens e adultos.** 2015. Disponível em <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/viewFile/168/62>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 11.ed.-São Paulo: Cortez, 2015.

UNESCO. **Educação de Adultos: Declaração de Hamburgo**, agenda para o futuro, V Conferência Internacional de Educação de Adultos, julho 1997. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_por)> Acesso em: 23 abr 2023.

VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 6. ed. Petrópolis: Vozes; 2014.

ZANETTI, Maria Aparecida. **As políticas educacionais recentes para a Educação de Jovens e Adultos**. Caderno Pedagógico, n.2. APP – Sindicato, 1999